

Algumas ideias sobre ideias de teatro

com Francisco Frazão

© Stephen Cumminskey



Ter 15 de setembro
Definições (“What’s in a name?”)

Ter 22 de setembro
Comunidade/Separação

Ter 29 de setembro
Íntimo/Político

Seg 5 de outubro
Encenação/Dispositivo

Alguém que acha que a faca é verdadeira, alguém que se limita a dar nome a um espaço, que bebe a última gota de gin, que pergunta se estamos a ver bem, alguém que encontrou semelhanças entre um cubo e uma autoestrada, que lê um romance em seis horas, que desenha uma cruz na testa, alguém que foge do ecrã para entrar no filme, que projeta o filme do avesso, que canta uma autobiografia, que faz perguntas sem parar, que carrega sofás. Alguém (eu) que viu ou leu estas coisas e quer continuar a falar delas.

O que proponho é um percurso parcial – isto é, fragmentário e subjetivo – por alguns textos do último meio século e alguns espetáculos da última década

(bocados de textos, bocados de espetáculos), à procura nuns e noutros de ideias de teatro e confiando em Deleuze quando diz que “não se tem uma ideia em geral”. Atravessaremos para as dessemearnhar uma floresta de oposições como as que dão título a três das conferências, desnorteados por ainda outras polaridades: teatro/*performance*, presença/representação, espectador/testemunha, ironia/sinceridade, narrativa/catálogo... O caminho olha-se ao espelho: é sobre teatro e definições de teatro, sobre peças que são sobre teatro, talvez sobre a palavra “sobre”. Mas é um espelho deformado, diferido (mostra o passado), um espelho que às vezes até se volta para o mundo.

Os textos serão de Osório Mateus, Jacques Rancière, Michael Fried, Stanley Cavell, Peter Brook, Sarah Kane; e os espetáculos de Tim Crouch, Elevator Repair Service, Angélica Liddell, Teatro Praga, Cão Solteiro, Forced Entertainment, Nature Theater of Oklahoma.

Francisco Frazão

Encenação/Dispositivo

O crítico Adrian Martin propõe a substituição da ideia de *mise en scène* pela de dispositivo para falar de algum cinema contemporâneo. Talvez no teatro se possa experimentar algo parecido, uma variante da (já velha) cesura que divide o teatro em dramático e pós-dramático. Um dispositivo é aqui ao mesmo tempo uma combinação de elementos heterogêneos, um jogo que se joga e uma máquina que se põe a funcionar. Falaremos aqui de espetáculos de *Play, the Film* de Cão Solteiro & André Godinho (onde o cinema fornece o aparelho de base), de *Quizoola!* de Forced Entertainment (em

que o jogo, viciante, é levado à exaustão), de *Gatz* de Elevator Repair Service (em que um romance é lido na íntegra) e de *No Dice* do Nature Theater of Oklahoma (onde a conversa banal se torna ruído metafísico). Terão um papel importante as noções de falhanço e *readymade*, aleatoriedade e disjunção, absorção e teatralidade.

Francisco Frazão é programador de teatro da Culturgest. Fez o curso de Línguas e Literaturas Modernas (Português/Inglês) na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Integrou a comissão de leitura dos Artistas Unidos entre 2000 e 2004. Traduziu Beckett, Pinter, Stephen Greenhorn, Howard Barker, Tim Crouch, Abi Morgan, Katori Hall, Chris Thorpe, Tim Etchells. Tem publicado artigos e dado aulas sobre teatro, cinema e literatura.

CONFERÊNCIAS TER 15, 22, 29 DE SETEMBRO E SEG 5 DE OUTUBRO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO